

mescla os registos sociocultural, político e artístico, já que contém entrevistas feitas «a pessoas comuns», onde sobressai o testemunho de mulheres e crianças, e material arquivístico da RDP, que inclui telefonemas entre censores e depoimentos de Luís de Sttau Monteiro, Cardoso Pires e Santareno. Deste modo – e ao cancelar o primado da visão – Saldanha consegue abrir uma janela nítida e plena de emoções na nossa imaginação. Aí reside uma das suas forças. Através da evocação das vozes de outrora, transporta-nos de modo quase sincrónico para o contexto amordaçado da ditadura.

Em 1969, José Tengarrinha e Augusto da Costa Dias referiram que «o “dossier censura” despertará um dia, quando aberto, o assombro, a repugnância e a irreprimível gargalhada». Assim acontece, à medida que se abre não um dossier, mas uma rede gigantesca de dossiers que incluem milhares de documentos da polícia política e da Censura, bem como os livros que encarceraram e a cultura que suprimiram. Os livros são assunto público, pois pertencem à *res publica*. Os livros que agora se expõem são, deste modo, restituídos ao público. O que ontem foi expurgado e proibido pode hoje ser lido e iluminado. Que o retorno após tantos anos destes livros golpeados pela «câmara de torturar palavras» (José Cardoso Pires, *Dinossauro excelentíssimo*, 1972) sirva não só como um ato de reparação, mas também como um repto para relembrar o que se escondeu por detrás das suas páginas: a vigilância, a repressão, a perseguição, a tortura e o assassinato. Muitos ficaram pelo caminho, como José Dias Coelho e Amílcar Cabral. Outros, felizmente, ainda estão vivos, como Maria Teresa Horta, espancada na rua por causa da sua poesia, ou Luandino Vieira, degredado durante doze anos para a prisão da PIDE em Luanda e campo de concentração do Chão Bom em Cabo Verde.

Álvaro Seça

Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Comissariado: Álvaro Seça, Luís Sá, Manuela Rêgo

In the Projection Room, acting as an antechamber, Sofia Saldanha's sound piece “No Escuro e à Escuta: A Censura e a Propaganda no Estado Novo” [Listening in the Darkness: Censorship and Propaganda in the Estado Novo] prepares the listeners to immerse themselves in what they will later see. Premiered in 2019 at the Rank Room of the São Jorge Cinema, this 42-minute documentary collage focuses on the topics of censorship and propaganda in a pluralistic way. The documentary merges sociocultural, political, and artistic elements. It contains interviews made with “ordinary people,” in which the testimonies by women and children stand out, as well as archival material from the RDP radio broadcasting, which includes phone calls between censors, and statements by Luís de Sttau Monteiro, Cardoso Pires, and Santareno. In this way – and by canceling the primacy of vision – Saldanha manages to open a clear, emotionally expansive window for our imagination. Therein lies one of the work's strengths. Through the evocation of the voices of yore, it transports us almost synchronously to the gagged context of the dictatorship.

In 1969, José Tengarrinha and Augusto da Costa Dias wrote that “the ‘censorship dossier’ will one day, when opened, arouse astonishment, repugnance, and irrepressible laughter.” And so it happens, as we open not one document, but a gigantic network of dossiers that includes thousands of documents from the political police and the Censorship Services, as well as the books they have imprisoned, and the culture they have suppressed. Books are public entities, since they belong to the *res publica*. The books now on display are thus returned to the public. What was once purged and forbidden can now be read and illuminated. After so many years, we hope that the return of these books — cut by the “chamber to torture words” (José Cardoso Pires, *Dinossauro Excelentíssimo*, 1972) — serves not only as an act of reparation, but also as a call to remember what was hidden behind their pages: surveillance, repression, persecution, torture, and murder. Many were assassinated along the way, including José Dias Coelho and Amílcar Cabral. Others, fortunately, are still alive, like Maria Teresa Horta, who was assaulted in the streets because of her poetry, or Luandino Vieira, who was exiled for twelve years to the PIDE prison in Luanda and the Chão Bom concentration camp in Cape Verde.

Álvaro Seça

Centre for Portuguese Literature, Faculty of Arts and Humanities at the University of Coimbra

Curators: Álvaro Seça, Luís Sá, Manuela Rêgo

English version revised by Anne Karhio



EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

3 maio - 3 set. '22 | 3 May - 3 Sep. '22

Obras proibidas e censuradas
no Estado Novo

Forbidden and Censored Books
during the Estado Novo

Desde a Inquisição, a prática censória literária tem servido os poderes vigentes na regulação do livro e do meio literário, e na repressão dos autores, editores e livreiros. Durante a ditadura de Salazar e Caetano, a censura amputou a vida intelectual e cultural, condicionou o desenvolvimento das mentalidades e, sem dúvida, afetou as gerações vindouras. Juntamente com a polícia política e as Forças Armadas, os Serviços de Censura foram uma das instituições basilares do controlo e vigilância em Portugal e nas ex-colónias do regime. Emoldurando a ideologia oficial das autoridades, a censura fluía dentro do caudal devastador da propaganda do regime corporativista, nacionalista e anticomunista do Estado Novo. A estratégia para moldar a sociedade era forçosamente eficaz. Por um lado, a propaganda formava, adicionando a doutrina do regime. Por outro, a censura deformava, subtraindo tudo o que lhe fosse oposto. A censura desfigurou a oposição política, a informação nos jornais, rádio e televisão, a criatividade teatral, musical, artística, cinematográfica e literária, e o público. Em suma, desfigurou a cultura. Contudo, pela sua ação, obrigou os autores a encontrarem estratégias singulares de sobrevivência, que marcaram a produção cultural portuguesa durante quase meio século.

Ao contrário das publicações periódicas, a censura aos livros funcionou após a sua impressão, através de diversos mecanismos onde pontificava a apreensão de exemplares nas livrarias pela polícia política. Quer por denúncia, quer por requisição dos Serviços de Censura, ou até por interceção da alfândega e dos correios de Portugal (CTT), as apreensões e destruições de exemplares comportavam um prejuízo económico colossal para as editoras. Hoje, o impacto monetário, literário e simbólico nos restantes profissionais do livro é ainda difícil de avaliar. Mais ainda, as alterações e cortes impostos pelos censores levantam questões de produção e receção literárias, e de que modo se reeditaram as obras.

A exposição *Obras proibidas e censuradas no Estado Novo* é um novo contributo para o estudo dos efeitos da censura aos livros na cultura portuguesa e lusófona, dado o manancial de fontes agora reveladas. Já se realizaram importantes exposições sobre a temática dos livros proibidos, com destaque para as exposições e catálogos produzidos pela Biblioteca-Museu República e Resistência (1996) e pela Assembleia da República (2004-2005). Porém, até hoje, os exemplares originais da Biblioteca da Direcção dos Serviços de Censura – que, sob diferentes designações, manteve um arquivo entre 1934 e 1974 – eram desconhecidos do público. A descoberta deste tesouro escondido é magnífica, pois enriquece o estudo e a perceção da atividade censória. É agora possível comparar o relatório de leitura do censor com as páginas do livro que menciona ter assinalado ou cortado. Os livros da Biblioteca-Arquivo da Censura são artefactos culturais únicos e inestimáveis, cuja materialidade tem que ser preservada não pelo feitiço que possam produzir, mas pela história da qual são testemunhos. Haverá vários exemplares de uma primeira edição censurada, au-

Ever since the Inquisition, the practice of literary censorship has been instrumental for the established power structures to regulate books and the literary field, and to repress authors, publishers, and booksellers. During Salazar and Caetano's dictatorship, censorship restricted intellectual and cultural life, constrained the development of attitudes, and undoubtedly affected the life of generations to come. Together with the political police and the military, Censorship Services were one of the foundational institutions of control and surveillance in Portugal and its former colonies. By reinforcing the official ideology of the authorities, censorship ran in tandem with the devastating propaganda enacted by the corporativist, nationalist, and anti-communist *Estado Novo* regime. This strategy of shaping the society was remarkably effective. On the one hand, propaganda would influence the population as a part of the regime's policy of political indoctrination. On the other, censorship would disempower it by removing all material that was against the regime's principles. Censorship weakened the political opposition; distorted information in the press, radio, and TV, stifled creativity in theatre, music, visual arts, cinema, and literature, and silenced its audiences. In other words, it defaced culture. Yet these actions also prompted authors to find peculiar strategies to survive, which shaped Portuguese cultural production for almost half a century.

Contrary to periodicals, book censorship acted in a post-publishing system. This would happen via several mechanisms. The most common one was when the political police would confiscate copies from bookshops. Whether this was due to a denouncement, a requisition of the Censorship Services, or even interception by the customs and the CTT postal services, the confiscation and destruction of books led to a colossal economic loss to publishers. Today, the monetary, literary, and symbolic impact on other professionals in the publishing industry is still difficult to evaluate. Moreover, the revisions and cuts imposed by the censors raises various questions regarding its impact on literary production and reception, and the ways in which books were reprinted.

Given the number of sources now revealed, *Forbidden and Censored Books during the Estado Novo* is a new contribution towards studying the effects of book censorship on Portuguese and Lusophone culture. There have been important exhibitions and catalogs focusing on forbidden books, such as those produced by the Biblioteca-Museu República e Resistência (1996) and the Assembleia da República (2004-2005). However, until today, the original copies from the Library of the Direcção dos Serviços de Censura (The Directorate of Censorship Services) – which, under different names, kept an archive between 1934 and 1974 – were unknown to the public. The discovery of this hidden treasure is a highly significant moment, since it enriches the study and perception of the censorship as a process. It is now possible to compare the censor's book report with the pages that he identifies as problematic. The books from the Censorship Library/Archive

torizada ou proibida, mas, na maioria dos casos, há apenas um exemplar lido, carimbado ou sublinhado pelo censor. Está em curso o primeiro inventário do que se estima terem sido mais de 10 000 livros examinados durante o Estado Novo. O confronto desta relação com os livros que se encontram no Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) permite-nos relançar luz não só sobre os livros que foram proibidos pelo regime, mas também sobre aqueles que foram autorizados, autorizados com cortes, «vistos» ou «dispensados».

Seguir o rasto de leitura dos censores permite sugerir que, para além dos episódios históricos que tiveram forte incidência censória – como a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial, ou a Guerra Colonial –, o momento político ou a arbitrariedade originaram flutuações na atuação dos censores. De acordo com a sua retórica, destacam-se duas grandes obsessões: a imoralidade ou «pornografia» e a subversão comunista ou «comunizante». Proibiram-se maioritariamente as obras marxistas-leninistas, eróticas, de educação sexual e de literatura neorrealista. O objetivo do regime de Salazar e Caetano foi manter uma sociedade moldada à imagem da sua doutrina nacionalista, anticomunista, católica, patriarcal e heteronormativa.

A presente exposição foca-se nos livros que A. H. de Oliveira Marques – historiador que viria a ser nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa em novembro de 1974 – mandou recuperar após o assalto da população à sede da Censura no dia 26 de abril de 1974. Devido a este gesto visionário, uma boa parte dos livros foi preservada, entrando no catálogo da BNP a partir de 2009. Nesta coleção, encontramos obras proibidas de autores portugueses e lusófonos como Jorge Amado, Natália Correia, Orlando da Costa, Vergílio Ferreira, Carmen de Figueiredo, Daniel Filipe, Tomás da Fonseca, Soeiro Pereira Gomes, Manuel Teixeira Gomes, Egito Gonçalves, Maria Lamas, Teixeira de Pascoais, José Cardoso Pires, Graciliano Ramos, Alves Redol, Bernardo Santareno ou Miguel Torga. E, também, autores não-lusófonos como Louis Aragon, Italo Calvino, Mikhail Cholkhov, Colette, Joseph Conrad, Friedrich Engels, William Faulkner, Maksim Gorkii, Piotr A. Kropotkine, Lenine, André Malraux, Karl Marx, Friedrich Nietzsche, John Reed, John dos Passos, Françoise Sagan, Leão [Lev] Tolstói, Roger Vailland, ou Simone Weil. Na exposição inclui-se ainda uma seleção de obras que estiveram proibidas de ir à leitura na BNP durante o Estado Novo, cuja existência era secreta e apenas veiculada a escassos funcionários por uma lista especial de «Obras Proibidas» (cota O.P.). Nas O.P. encontramos livros de Bocage, Natália Correia, Guerra Junqueiro, Egas Moniz e Judite Teixeira.

Na Sala Projeção, funcionando como antecâmara, a peça sonora *No escuro e à escuta: a censura e a propaganda no Estado Novo*, da artista Sofia Saldanha, prepara a imersão do ouvinte para o que observará. Estreada em 2019 na Sala Rank do Cinema São Jorge, esta colagem documental de 42 minutos incide sobre o tema da censura e da propaganda de um modo pluralista. O documentário

are unique and invaluable cultural artefacts, whose materiality must be preserved not due to their aura or fascination, but because they are witnesses to history. There might be multiple copies of a particular censored first edition, whether authorized or forbidden, but in most cases there is only one copy that has been read, stamped, or underlined by the censor. The compiling of a first full inventory of all books censored during the *Estado Novo* is underway. It is estimated that more than 10,000 books were subjected to this process. The comparison of this inventory with the books that remain in the General Collection of the National Library of Portugal (BNP) allows us to shed new light not only on the books that were forbidden by the regime, but also on those that were authorized, authorized with cuts, “seen” or “waived”.

Following the traces of the censors' reading leads us to suggest that, in addition to the historical episodes that coincided with an enhanced focus on censorship – such as the Spanish Civil War, the Second World War, or the Colonial War – the political moment gave rise to fluctuations and arbitrariness in the censors' work. According to their rhetoric, two main obsessions stand out: immorality or “pornography”, and communist or “communizing” subversion. Most of the forbidden books were Marxist-Leninist or erotic, focused on sexual education, or represented neorealist literature. The objective of Salazar and Caetano's regime was to maintain a society shaped upon the image of their nationalist, anti-communist, Catholic, patriarchal, and heteronormative doctrine.

The current exhibition focuses on the books that A. H. de Oliveira Marques – a historian who would become the director of the National Library of Lisbon in November 1974 – asked to be recovered during the popular assault on the Censorship headquarters on April 26, 1974. Due to this visionary gesture, a significant portion of the books was preserved, and entered to the BNP catalog from 2009 onwards. In this collection, we find forbidden works by Portuguese and Lusophone authors, such as Jorge Amado, Natália Correia, Orlando da Costa, Vergílio Ferreira, Carmen de Figueiredo, Daniel Filipe, Tomás da Fonseca, Soeiro Pereira Gomes, Manuel Teixeira Gomes, Egito Gonçalves, Maria Lamas, Teixeira de Pascoais, José Cardoso Pires, Graciliano Ramos, Alves Redol, Bernardo Santareno, and Miguel Torga. We also find non-Lusophone authors such as Louis Aragon, Italo Calvino, Mikhail Cholkhov, Colette, Joseph Conrad, Friedrich Engels, William Faulkner, Maksim Gorkii, Piotr A. Kropotkine, Lenine, André Malraux, Karl Marx, Friedrich Nietzsche, John Reed, John dos Passos, Françoise Sagan, Lev Tolstói, Roger Vailland, and Simone Weil. This exhibition also includes a selection of works that were banned to readers at the BNP during the *Estado Novo*, whose existence was secret and only conveyed to a few employees through a special list of “Forbidden Books” (“Obras Proibidas,” reference O.P.). Within this list we find books by Bocage, Natália Correia, Guerra Junqueiro, Egas Moniz, and Judite Teixeira.